

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

NÁDIA MARCHESIN

**ALFABETIZAR LETRANDO**

CAMPINAS

2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

NÁDIA MARCHESIN

**ALFABETIZAR LETRANDO**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia - Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2008

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

M332a Marchesin, Nádía.  
Alfabetizar Letrando: memorial de formação / Nádía Marchesin. --  
Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de  
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1. Trabalho de conclusão de curso. 2 Memorial. 3 Experiência de vida.  
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de  
Campinas. Faculdade de Educação. II. Título.

08-276-BFE

Dedico este trabalho  
a todos os que acreditam na educação e especialmente a  
minha avó Maria de Lourdes Siqueira Pedroso.

## AGRADECIMENTOS

A minha avó Maria de Lourdes Siqueira Pedroso, grande inspiradora;

À minha mãe Ana Maria Pedroso companheira, amiga, deixando para trás seus sonhos para realizar e incentivar os meus;

Aos meus filhos Ana Caroline Marchesin Rosseto, Lucas Vinícius Marchesin Rosseto e Levi Guilherme Marchesin Rosseto, amigos, compreensíveis, razão de minha perseverança;

À Maria Inês Argento Dias, Maria Rachel Pereira da Silva, Regiane de Cássia Alves por todo o apoio oferecido nesses anos, pelo abraço amigo sempre a me esperar, nos momentos difíceis, pelas alegrias e angústias compartilhadas;

Às minhas colegas de classe, pessoas lindas, que foram companheiras nessa jornada;

A todos os professores do curso que foram pacientes e perseverantes ao ensinar os desafios da prática pedagógica obrigada pela compreensão e apoio;

Às minhas colegas do ônibus, por nunca me deixarem desistir ou mesmo fraquejar durante essas árduas noites de estudo.

Ignorar que a criança pensa e tem condições de escrever desde muito cedo é um retrocesso.

E. Ferreiro

## SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO.....	8
2.	DESENVOLVIMENTO .....	9
3.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
4.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37

# 1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho apresenta minha trajetória de vida desde a idade pré-escolar até minha formação como professora.

Relato fatos pessoais que me ajudaram a entender o processo de aquisição da leitura e escrita e busco mostrar que crianças pequenas podem ler desde que lhes sejam dadas oportunidades dentro de situações de uso real, presentes em seu cotidiano.

Falo de todo um sonho em ser professora e ao longo do caminho percorrido, relaciono teoria à prática em sala de aula.

Enfatizo o papel do professor como sendo de grande importância no processo ensino aprendizagem, através de um trabalho consciente de seus objetivos, sendo parceiro do seu aluno, permitindo-se aprender com os conhecimentos das crianças e poder refletir sobre sua prática.

## 2. Alfabetizar Letrando

Há homens que lutam um dia e são bons.  
Há outros que lutam um ano e são melhores.  
Há aqueles que lutam muitos anos e são muito bons.  
Porém, há os que lutam toda a vida.  
Estes são os imprescindíveis.  
Bertold Brecht

Este trabalho conta um pouco a minha vida e como cheguei até aqui, todo o sonho de uma vida, o sonho de ser professora, pois sempre estive envolvida no mundo da leitura. Filha de pais separados, eu ficava o dia todo com meus avós enquanto minha mãe trabalhava fora para me criar com dignidade. Meus pais se separaram quando eu tinha quatro anos, temos uma relação afetiva, que hoje me permite entender. Lembro-me das histórias contadas pela minha avó que apesar de analfabeta era uma pessoa muito informada, sempre fazendo interessar-me por livros.

Somos de uma família simples, mas muito preocupada com educação formal e não formal, sempre tive muito apoio, acho que sem esse apoio não teria chegado até aqui. Morávamos meus avós maternos, minha mãe, meus dois queridos tios, Norberto e Antonio Carlos (hoje falecidos), e eu.

Senti muito a perda do tio Norberto e do tio Carlão, na época eu tinha quatro anos, primeiro foi tio Carlão, que adoeceu. Seis meses depois tio Norberto se envolveu com drogas e morreu atropelado na rodovia D. Pedro, por onde passo todos os dias para chegar à Campinas, onde faço minha graduação.

Refiro-me à minha avó materna com muito carinho, hoje com 88 anos, sendo uma das maiores responsáveis por eu ser quem sou, minha mãe sempre batalhou muito, minha avó é o esteio da nossa família, sempre apoiou nossas decisões, só tenho a agradecer muito essas duas mulheres. Pensando em minha criação, foi na faculdade que compreendi o conceito de letramento e imediatamente me remeti a minha querida avó materna, dona Lourdes, uma mulher batalhadora, guerreira, letrada, tenho muito orgulho de ser sua neta.

Tive uma infância muito feliz, lembro com muita saudade do meu tempo de pré-escola, eu amava ir para escola, via as outras crianças indo e ficava chorando no portão querendo ir também. No meu primeiro dia de aula minha avó e minha mãe tinham preparado tudo, meu uniforme, minha lancheira e um dia antes tinha cortado minhas unhas, tinham uma

preocupação muito grande com minha higiene eu estava muito ansiosa, esses preparativos borbulhavam dentro de mim.

Quando chegamos fiquei com um pouco de medo, pois bem em frente à escola tinha um bambuzal e todas as crianças diziam que ali havia muitas cobras, eu nem queria olhar, mas como chegamos cedo demais, minha avó foi sentar-se bem em frente e eu fiquei com muito medo, porém a vontade de entrar para a escola era maior.

Logo a professora chegou e tinha um jeito de ser muito brava, mal sorria, foi chamando nome por nome, até que chegou o meu. Quando entramos disse seu nome, (era Nanci) eu não conhecia ninguém, mas estava tão feliz e logo fiz muitas amigas, algumas amizades permanecem.

Com o tempo percebi que a professora só tinha cara de brava, até que era boazinha, mas não deixava a gente conversar de jeito nenhum, lembro-me de ficar sempre sentada na cadeirinha de castigo sem ir pro parquinho, porque eu falava muito e ela tinha razão de brigar comigo. Hoje somos colegas de trabalho na mesma escola, trocamos experiências rimos muito quando recordamos esses momentos. Lembro-me que ao final da pré-escola, teve uma festa à fantasia, o tema era da novela que passava na época “Roque Santeiro”, todas as crianças foram vestidas de algum personagem, eu fui de Dona Pombinha com um guarda chuvinha na mão, foi muito divertido e jamais esqueci.

Na escola adorava brincar com massinha e fazer bolo de areia no parque, ia embora suja todos os dias e até hoje quando sinto cheiro de massinha passa um filme da idade pré-escolar na minha cabeça. “Voltar-me sobre minha infância remota é um ato de curiosidade necessária”. (FREIRE, 1994, p. 32)

As atividades que fazíamos na pré-escola eram os exercícios de prontidão, sempre nos cadernos de pauta verde. Fui alfabetizada no método tradicional onde a escrita era mera representação da fala, com ênfase no erro, no método, no código e na prontidão.

Fiz dois anos de pré-escola, faço aniversário em setembro, e não tinha idade para cursar a 1ª série. Com cinco anos descobri que podia ler, porém só aprendi a escrever um pouco mais tarde, para mim era impossível viver sem a leitura, eu queria ler para minha avó. Aquela pessoa tão amável que me deu minhas primeiras noções de conhecimento do mundo, tinha um objetivo, e acredito que uma criança que não vê finalidade na leitura ou aquela que lhe é atribuído o fracasso escolar, tem mais dificuldades para ler. Tal entendimento só ficou claro agora para mim resgatando meu processo de aquisição da leitura e escrita.

Quando fui para a 1ª série, fiquei muito triste, muitas amigas tinham ido para outra escola e eu estava sozinha. Para piorar, minha mãe era amiga da professora e já no 1º dia

avisou para me comportar, pois tudo que eu fizesse ficaria sabendo. Sempre conversei muito, mas adorava ir para escola, brincava muito de escolinha, (minha brincadeira preferida) ensinava todas as minhas bonecas. Lembro-me que ganhei uma lousa verde enorme da minha mãe, meu avô pendurou na parede de um quartinho onde também ficava o fogão a lenha da minha avó. Ficávamos muito tempo juntas, eu minha avó, panelas, livros, bonecas e muita conversa, muito conhecimento, hoje sei exatamente que aquilo foi o início do meu letramento.

Na escola usávamos cartilha, hoje vista apenas para ajudar o aluno a desentranhar a regra da geração do sistema alfabético. Víamos uma letra de cada vez e eu queria terminar logo a cartilha, pois na minha cabeça, quando terminasse a cartilha eu estaria escrevendo como num passe de mágica. Hoje a cartilha deixou de ser fundamental, pois não possui nenhuma proximidade com a realidade da criança. As cartilhas eram elaboradas para todo o país da mesma maneira com palavras-chave e frases descontextualizadas.

A leitura e a escrita sempre estiveram presentes em minha vida, pois sempre gostei muito de ler; na terceira série fiz catecismo e fazia as leituras da missa quinzenalmente e isso era muito importante para mim.

Na quinta série pude conhecer a melhor professora de português que já tive na vida, dona Sueli Martini, lembro dos anos anteriores, quando via aquela mulher loira, bonita andando pela escola, e desejava muito um dia poder ser sua aluna, ela inspirava um ar de aconchego e paz. Eu, que já gostava dos livros de literatura, ficava fascinada com as aulas de língua portuguesa. Na época o ensino era tradicional, lembro-me como se fosse hoje a chamada oral sobre verbos e preposições, dona Sueli fazia campeonatos e presenteava o ganhador com uma caixa de “Dan top<sup>1</sup>”, eu ganhei várias. Não é correto condicionar um aluno a um prêmio? Para mim, o mais importante não era os “Dan tops”, eu realmente encarava como incentivo, e hoje com mais experiência, continuo achando dona Sueli a melhor professora que já tive. Hoje somos amigas confidentes, sempre que preciso, sei que posso ligar, ela é um exemplo para mim. Nessa época, eu ainda brincava de escolinha na garagem de casa. Este texto tem muito a ver da minha relação com minha professora de português:

---

<sup>1</sup>Bombom de chocolate.

Dona Geni<sup>2</sup>  
Autor: Edson Gabriel Garcia

Não sei bem a razão, mas acordei um dia desses com uma frase martelando minha cabeça: “ler é desabotoar vontades.” Desde então, coisa de cinco, seis dias, semana quase inteira, a frase/idéia não saía da minha cabeça. Tentei, digo de passagem, em vão descobrir de onde veio esse furacão intelecto-emocional. Outdoor? Não! Outdoor é comportado demais. Poema? Não! Não tem cara nem jeito de versos. Frase de pára-choque de caminhão? Não...não. Isso nem existe mais. Recado de namorada no celular? Também não. Namorada, quando tomada pelo fogo da paixão, quer outras emoções. Além do mais, meus botões de namoro andam mornos. Classificados de jornal... não...folheto de propaganda distribuído em esquina... não.

Coisa dessa só podia acontecer comigo mesmo. Tão leitor, tão perto das coisas gostosentas e gostosildas da leitura. Em que dobra do cérebro ou coração estaria escondida à lembrança da frase? Ler é desabotoar vontades... Ler é desabotoar... vontades...

Então, de mansinho com a forma e a ternura das lembranças bem lembradas, ouvi uma saudade macia, pele de jambo, cheiro de dama da noite, escrevendo uma frase no canto da lousa esburacada, a voz da professora abrindo mais uma aula de leitura, repetindo a frase escrita: “meninos e meninas... ler é desabotoar vontades”. A voz generosa de dona Geni, nossa professora da quarta série, falando da importância da leitura. A voz dela saltando de um texto ao outro, dando a mão para que cada um de nós pudesse soltar o buraco metafórico da aprendizagem, deixava pistas cheirosas de sentidos com as quais íamos construindo significados.

Com ela, éramos caçadores de sentidos, pequenos humanos conquistando realidades palpáveis pelos olhos da leitura e pelas mãos da escrita. Com dona Geni, desabotoávamos nossas vontades. Sem sabermos. E cresciam nossos interesses pela vida, uma leitura depois da outra, depois da outra, da outra. Ela muitas vezes entretida no prazer do seu ofício bem feito, nem percebia o quanto era importante para cada um de nós.

Aos poucos, explicada a origem da frase, a lembrança foi deixando espaço. Nem precisava mais tanto. A deliciosa professora da quarta série havia desabotoado tantas vontades, que senti a maior vontade de todas, uma vontade imensa de ouvi-la, mais uma vez, lendo uma história e, no fim como sempre, sussurrar “muito obrigado, dona Geni”.

Tanta dedicação em Língua Portuguesa, não acontecia com a matemática, até hoje. Eu repeti a quinta série por faltar um ponto, para os doze que eu precisava para passar de ano. Minha mãe trabalhava no Fórum, onde se aposentou, e lembro-me que foi lá que fiquei

---

<sup>2</sup> Retirado do site [www.cenpec.org.br](http://www.cenpec.org.br). Acesso em abril/2008.

sabendo da notícia, ela me chamou e deu uma bronca, seguida de um abraço e de um “vamos lá”.

Cursei todo o antigo primeiro grau na mesma escola e saí da oitava série com dezesseis anos. Foi um período complicadíssimo, pois eu tinha um sonho - ser professora, porém precisei interromper temporariamente esse sonho, estava indo para o magistério, quando aconteceu a coisa mais linda da minha vida, fiquei grávida. Na época namorava há quase três anos, não quisemos nos casar, porém parei de estudar, para cuidar da minha filha Ana Caroline, hoje com doze anos, uma menina de ouro, excelente aluna, domina a matemática muito bem.

Quando minha filha completou um ano, resolvemos nos casar do jeito que eu sempre havia sonhado e assim aconteceu. Dois anos depois resolvi voltar para o magistério, fiquei grávida do Lucas Vinicius, hoje com 10 anos, filho maravilhoso, dois anos depois veio Levi Guilherme, uma criança doce, que desde bebê me incentivava, parece que me dizia com o olhar: “vai lá mamãe, lute por seu sonho”, continuei estudando. Meus três filhos eram a mola propulsora da minha vida, minha avó e minha mãe, estavam sempre por perto, apoiando, meu marido também, mas ele não tinha muitas perspectivas de futuro. Eu estudava de manhã e trabalhava como secretária à tarde.

Quando fui para o terceiro ano do magistério, surgiu um convite para ser professora voluntária de alfabetização de adultos em um centro comunitário em uma comunidade carente.

Não pensei duas vezes e com muitas críticas, larguei meu trabalho e fui para o centro comunitário. Como era longe e na época não tinha automóvel, eu ia a pé. Era cansativo, mas a recompensa valia todas as críticas que eu ouvia em todo meu sacrifício, eu e aquelas pessoas éramos parecidas, pois tínhamos um sonho. Aprendemos muito juntas, a idade delas variava de 28 a 76 anos, o grau de instrução que possuíam também variava, alguns nunca tinham freqüentado a escola, outros tinham, mas por conta da situação financeira, tiveram que optar pelo trabalho, não chegavam a ser analfabetos funcionais, termo que passou a ser usado no Brasil a partir de 1990, estavam inseridos num mundo letrado, liam escreviam pouco, mas sabiam fazer uso da leitura e escrita. Cada um tinha seu objetivo, ou seja, ler o itinerário do ônibus que vai para casa, conseguir ter documento de habilitação, conseguir um trabalho ou conseguir ler uma receita para poder cozinhar para os netos.

O aluno mais novo do grupo tinha 28 anos, eu na época tinha 21 anos, trabalhava descarregando e carregando papelão em uma indústria da cidade, seu maior sonho era poder

um dia ser o motorista do caminhão, hoje perdemos o contato, mas pela perseverança que tinha, não tenho dúvidas que conseguiu.

Eram pessoas batalhadoras, com uma bagagem muito grande de conhecimento, aprendemos muito juntas, foi um presente conviver com essas pessoas, eles dentro de seus limites conseguiram alcançar seus objetivos.

Tínhamos um laço afetivo muito grande, sempre que podiam levavam bolos, pães, e até verduras e legumes plantados por eles, no fundo do quintal, e me davam de presente. Parece que queriam agradecer e retribuir a atenção que eu dispensava a eles, pois sabiam que eu tinha família e da minha dificuldade em estar ali, mas sabiam que eu o fazia por prazer sem querer algo em troca. Hoje sou imensamente grata a essas pessoas, pois desempenharam um papel muito importante na minha formação.

No ano seguinte, depois que me formei, houve concurso público na Prefeitura Municipal de Itatiba e consegui passar. Eu não tinha certeza se isso era bom ou ruim, eu teria que deixar o centro comunitário. Não tive muita opção, pois eu teria um salário, os horários coincidiam, e, além disso, eu tinha filhos, marido, mãe e avó para cuidar. Lembro-me que estava perto da Páscoa e fui na casa de todos meus alunos, queria contar porque eu deixaria as aulas. Faz-me chorar a lembrança desse dia. Uma das primeiras alunas que freqüentava o curso, estava doente, tinha câncer, chorou muito nos meus braços quando eu disse que não nos veríamos mais com tanta freqüência, pois eu tinha que percorrer outros caminhos e alçar outros vôos. Levei um bombom Sonho de Valsa para cada um e o dela ficaria guardado até o fim da sua vida, foram essas as últimas palavras que ouvi da Rosa, infelizmente ela faleceu meses depois, porque a doença se espalhou pelo seu corpo. Foi uma perda muito grande para mim.

Entrei na prefeitura no ano de 2003, começando como professora eventual, substituindo as faltas das professoras efetivas e só consegui lecionar em uma sala livre no mês de agosto. No ano seguinte consegui sala na primeira semana de aula, e os anos seguintes também, estava realizada profissionalmente, porém ainda queria muito fazer uma faculdade.

No momento eu tinha consciência que não poderia pagar uma faculdade, mas estava sempre atenta aos eventos promovidos pela universidade instalada em minha cidade. Durante um desses contatos fui convidada para uma visita de apresentação na faculdade e por conta do meu interesse, ganhei uma ficha de inscrição bonificada para o vestibular, eu não precisaria pagar a taxa. Consegui passar muito bem, e recebi varias ligações concedendo descontos, mas mesmo assim ainda não daria para freqüentar o curso, pois além da questão financeira eu estava com problemas no casamento

No ano de 2005, lendo o livro de comunicados da escola fiquei sabendo do processo seletivo para professores que ainda não tinham nível superior, através de um convênio entre prefeituras da região metropolitana de Campinas/SP e a Unicamp. Senti um calorzinho por dentro, será que estava chegando minha vez? Informe-me, perguntei e fiz a inscrição via internet, aliás quem fez foi uma colega de trabalho, pois eu não sabia usar computador. Comecei a procurar os livros indicados e estudar, sabia que não seria fácil e então me preparei. Quando chegou o dia da prova fomos até Campinas/SP com o ônibus cedido pela Prefeitura, eu estava muito aflita e o fato de não conhecer quase ninguém, fez-me sentir pior ainda, parecendo que eu estava perdida em um lugar muito grande longe de casa e sem ninguém por perto. Fiz a prova consciente, procurando ler, reler, confiando em mim.

O resultado sairia no mês de julho, (férias escolares) eu estava em Ipaussu-SP, visitando meu pai quando fiquei sabendo da boa notícia, eu tinha conseguido, seria uma aluna da Unicamp.

Foi uma alegria muito grande para minha família. Eu tinha ido visitar meu pai às pressas, pois estava doente, fui junto com meu filho Levi, que na época tinha quatro anos e não pagava passagem, como a viagem era longa e cara, eu não podia levar os outros.

Quando voltei de viagem, meu marido foi me buscar na rodoviária de Campinas/SP, pois aqui em Itatiba não há ônibus direto para a cidade em que meu pai mora. Voltamos para casa de ônibus circular, e quando pisei em casa fui surpreendida com uma festa surpresa para comemorar o sucesso do vestibular.

No primeiro dia de faculdade, conheci minhas colegas de sala no ônibus, uma delas tinha sido educadora da creche que meu filho tinha frequentado, a Regiane. Conheci também a Maria Rachel e a Maria Inês, que hoje são as melhores amigas que eu poderia ter. Devido a nossa ansiedade, ficamos perdidas, não sabíamos onde era nossa sala e pegamos carona com uma desconhecida e conseguimos, depois de meia hora de atraso, chegar à sala de aula.

Nesse tempo aconteceram muitas mudanças pessoais e profissionais todas de crescimento, importantes para mim. A Unicamp era um palácio para mim, demorei alguns meses para acreditar que eu estava fazendo faculdade. Tudo era lindo, perfeito.

No primeiro semestre da faculdade fiquei meio perdida, demorava em encontrar minha sala, mas aos poucos ia conhecendo minhas colegas e uma apoiava a outra.

Eu estava vivendo uma fase nova, sentia-me cada vez mais capaz, motivada, mas meu casamento me deixava triste, nós dois tínhamos casado muito cedo, ainda estávamos aprendendo juntos, porém meu marido era uma pessoa que não tinha vontade de crescer e ficou desempregado por muitos meses. Era eu quem tinha que sustentar a casa, difícil,

principalmente porque comecei a perceber que estava cômodo para ele, morávamos no fundo da casa da minha mãe ele não precisava pagar aluguel. Eu estava ausente todas as noites e aos poucos ele ia se distanciando também, surgindo daí problemas financeiros e as crises que só aumentavam, ele queria ter um padrão de vida que no momento, não podíamos manter, e sem trabalhar precisava de dinheiro. A solução que ele encontrou foi começar a vender nossas coisas, inclusive o anel de formatura do magistério que ganhei de minha mãe, pena que só percebi sua falta, quando já era tarde demais para recuperá-lo.

Não desisti, continuei firme, em busca do meu sonho, mas com o tempo, percebi que todo meu esforço em manter meu casamento estava sendo em vão, eu trabalhava estudava, e ele não me acompanhava, meus filhos também já estavam percebendo, as brigas eram cada vez mais constantes e para piorar, ele bebia. Minha mãe e minha avó só têm a mim, dependemos uma da outra, e estávamos sofrendo juntas naquele casamento intolerável, minha mãe acabou tendo problemas de saúde, em ver meu sofrimento, e precisou de muitos cuidados médicos. Chegamos a uma condição que não tinha mais como prosseguir acabamos separados.

Eu costumo brincar e dizer que minha vida se resume a duas fases: pré e pós-faculdade, não que me separei por conta de estar estudando e não dar conta de ser esposa, mãe, filha, neta, dona de casa, professora, universitária. A mas a faculdade me fez pensar não só como profissional da educação, mas também como um ser com necessidades e desejos, pois comecei a refletir, querer o melhor, não aceitar uma condição desfavorável para mim e acreditar na mudança, ser capaz, construindo um pensamento mais crítico. Sofri muito no começo, procurava me manter calma sem pensar nos problemas que viriam, mesmo com muita ajuda da minha avó e minha mãe, precisei aumentar minha renda dando aulas de reforço, em período contrário.

Trabalhava alfabetizando crianças, e de novo aprendi muito, acho que até mais do que ensinei. Não era proposital, nem por escolha, mas sempre eu acabava ficando com alfabetização, e gostava muito, pois é o momento que exige mais dedicação do professor, mas também o momento que os resultados do seu trabalho são mais visíveis. Meus alunos ainda não liam nem escreviam convencionalmente, eu procurava outras competências que muitas vezes superavam minhas expectativas. Algumas atividades consistiam em uma criança que ainda não lia e escrevia, ditar para uma outra criança histórias ou parlendas curtas observando a oralidade de ambas. Meu olhar era como o fazia, com o objetivo de propor desafios que as fizessem avançar, eu precisava conhecer meus alunos e saber como eles pensavam.

Minha intervenção era fundamental no processo de construção da base alfabética de meus alunos, as crianças em processo de alfabetização elaboram estratégias para colocar suas escritas espontâneas. Então minha observação sempre teria que ser fundamental, pedindo sempre para que lessem após escrever, com a finalidade de entender como ele usa suas estratégias de leitura e de escrita.

Sempre estive envolvida com leitura, acredito que as pessoas lêem para atender uma necessidade na qual o leitor realiza um trabalho ativo na construção do significado, a partir das idéias já concebidas relacionando-as a novos conhecimentos.

[...] para cada pessoa há coisas que lhe despertam hábitos mais duradouros que todos os demais. Neles são formados as aptidões que se tornam decisivas em sua existência. E, porque, no que me diz respeito, elas foram à leitura e a escrita, de todas as coisas com que me envolvi em meus primeiros anos de vida, nada desperta em mim mais saudades que o jogo das letras. Continha em pequenas plaquinhas as letras do alfabeto gótico, no qual pareciam mais joviais e femininas que os caracteres gráficos. Acomodavam-se elegantes no atril inclinado, cada qual perfeita, e ficavam ligadas umas as outras segundo a regra de sua ordem, que seja, a palavra da qual faziam irmãs. . [...] A saudade que em mim desperta o jogo das letras prova como foi parte integrante de minha infância. O que busco nele é a verdade, é ela mesma: a infância por inteiro, tal qual a sabia manipular a mão que empurrava as letras do filete, onde se ordenavam com uma palavra. A mão pode ainda sonhar com essa manipulação, mas nunca mais poderá despertar para realizá-la de fato. Assim, posso sonhar como no passado aprendi a nadar. Mas isso nada adianta. Hoje sei nadar; porém nunca mais poderei tornar a aprende-lo. (WALTER BENJAMIN, 1994, p.42)

Nas aulas de Teoria Pedagógica e Produção em Língua Portuguesa, pude compreender e dar significado à minha prática e à minha formação senti necessidade de comprar meu computador, e aprofundar o conhecimento visto de cima, no magistério. Sempre trabalhei com alfabetização, porém agora me sinto mais segura envolvendo conhecimentos teóricos e a prática na sala de aula.

No Brasil considera-se que a iniciação à leitura deva ocorrer apenas aos sete anos, por isso quando dependem da escola para aprender nossas crianças começam a ler muito tarde. Acredito que muitas crianças aprendem a ler participando de atividade de uso da escrita junto com pessoas que dominam esse conhecimento, porém não existe uma idade ideal para o aprendizado da leitura, existem crianças que podem aprender a ler muito cedo, em geral porque a leitura passa a ter tanta importância para elas que não conseguem ficar sem saber. Acredito que passei por isso, pois eu tinha um objetivo, ler para minha avó e isso era

significativo para mim. Contudo nossa sociedade esta condicionada com regras sistemáticas de ordenação, com obrigatoriedade de seqüência, podemos elucidar essa afirmação com o que Emilia Ferreiro (1993, p. 64 - 65) escreveu:

Estamos tão acostumados a considerar a aprendizagem da leitura e escrita como um processo de aprendizagem escolar que se torna difícil reconhecermos que o desenvolvimento da leitura e da escrita começa muito antes da escolarização. Os educadores são os que tem maior dificuldade em aceitar isso. Não se trata simplesmente de aceitar, mas também de não ter medo que seja assim. Lembro-me de ter ouvido de uma professora que, infelizmente, seu próprio filho aprendeu a ler sozinho, antes de entrar na escola de 1º grau. Infelizmente, ela dizia por que aprendeu fora de todo controle sistemático. Esta criança não tem qualquer problema específico de leitura, a única dificuldade aparente que apresenta (não traçar as letras com a clareza e a perfeição esperada por sua mãe) é atribuída a esse fato horrível: aprendeu sozinho, sem estar autorizada a fazê-lo.

A idéia subjacente a esse modo de raciocinar e ainda muito difundida é a seguinte: necessitamos controlar o processo de aprendizagem, pois, caso contrário, algo de mal vai ocorrer. A instituição social criada para controlar o processo de aprendizagem é a escola. Logo, a aprendizagem deve realizar-se na escola.

Felizmente, as crianças de todas as épocas e de todos os países ignoram esta restrição. Nunca esperaram completar seis anos e ter uma professora à sua frente para começarem a aprender. Desde que nascem são construtoras de conhecimento. No esforço de compreender o mundo que as rodeia, levanto problemas muito mais difíceis e abstratos e tratam por si próprias, de descobrir respostas para eles. Estão construindo objetos complexos de conhecimento e o sistema de escrita é um deles.

O aprendizado nessa situação só se torna válido na escola formal, o que é um engano, tanto cronológico, quanto da maturação de cada criança. As mudanças sociais e o uso de recursos cada vez mais letrados demandam novas mudanças e novos conceitos

Hoje como professora, minha reflexão gira em torno do que posso contribuir para que meu aluno seja um bom leitor, segundo Soligo (2006), para que o professor consiga atingir melhores resultados, ele precisa entender o processo de construção do conhecimento.

É preciso entender todo o contexto acerca do processo ensino-aprendizagem. Antes o aluno, como sujeito passivo fazia folhas e folhas de treino motor considerados pré-requisitos para a leitura e escrita, acreditando-se adquirir habilidades sensoriais, auditivas e visuais, atingindo, portanto sua maturação biológica. Não havia um aprendizado satisfatório e essas crianças sofriam com o fracasso escolar. Os exercícios de prontidão também foram responsáveis pela divisão, como juntar para estabelecer seqüência. Investia na cópia, e na escrita de ditados, na memorização pura e simples, na utilização da memória de curto prazo

para reconhecimento de famílias silábicas. Não havia percepção as quais habilidades eram adquiridas com a leitura e escrita. Paulo Freire (1983, p.67) usava a metáfora de “Educação Bancária”, para denominar essa concepção de “sacar” exatamente aquilo que se depositou no aluno, deixando de lado todos seus conhecimentos prévios.

No modelo tradicional a escrita era entendida como um simples reflexo da linguagem oral, ou seja a escrita era concebida como uma mera representação da fala; nesta perspectiva, ler e escrever são entendidos como atividades de codificação e decodificação, sendo o processo de alfabetização reduzido ao ensino do código escrito, centrado na mecânica da leitura e da escrita. (LEITE, 2001, p. 23)

Constatou-se assim que muitas crianças passavam pela escola, aprendiam o código, mas não faziam uso adequado do mesmo, tornando-se um analfabeto funcional. A palavra de ordem era alfabetizar, não se pensava no uso da leitura e escrita dentro de uma prática social. Por muito tempo alfabetização foi entendida como aquisição de um código fundado entre fonemas e grafemas, com reduzidas práticas de leitura e escrita, a simples consciência fonológica permitia aos sujeitos associar sons e letras para produzir palavras, isso era considerado suficiente para diferenciar o alfabetizado do analfabeto.

A escola deve ser um lugar que proporcione prazer à criança sem deixar o ensinar se perder [...] a alfabetização não pode ser reduzida ao mérito de lidar com letras e palavras, como uma esfera mecânica. Precisamos ir além dessa compreensão rígida da alfabetização e começar a encará-la como a relação entre os educandos e o mundo, mediada pela prática transformadora desse mundo, que tem lugar precisamente no ambiente em que se movem os educandos. (FREIRE E MACEDO, 1990, p.12)

Acredito que evoluímos bastante de um modelo tradicional focado no código, para uma função determinada pelos usos sociais.

A partir da década de 1980 pesquisas elucidaram questões acerca da alfabetização, repensando a apropriação do código, na concepção tradicional em que fui alfabetizada. Surgiu então um entendimento de que tais questões envolviam um processo de elaboração de hipóteses sobre a representação dos símbolos lingüísticos, nisso a idéia do letramento contribuiu, afirmando que a aprendizagem deva ocorrer numa relação interativa entre o sujeito e a cultura que está inserido, dando ao aprendiz elementos concretos para construção do conhecimento, não garantindo nem substituindo a intervenção direta do professor. É quando podemos oferecer informações, problematizar respostas ou procedimentos, orientar a ação.

As cartilhas foram pouco a pouco sendo substituídas por procedimentos que levavam as crianças a conviver, experimentar e dominar as práticas de leitura e escrita que circulam na sociedade. O letramento trouxe consigo a idéia de que não era suficiente ler e escrever, o ato de ensinar caminha para o ato de aprender por meio da construção de um conhecimento, Emilia Ferreiro que vê o educando como um agente e não um ser passivo que recebe e absorve o que lhe é ensinado. Os estudos de Emília Ferreiro, sobre os conceitos de prontidão, imaturidade, habilidades motoras e perceptuais deixam de ter sentido isoladamente, não que não fossem importantes, mas que deveriam ser vistos vinculados ao contexto da realidade sócio-cultural dos alunos, ressaltando que “hoje a perspectiva construtivista considera a interação de todos eles, numa visão política integral, para explicar a aprendizagem”. (FERREIRO, em entrevista a Revista Nova escola Janeiro/Fevereiro de 2001)

A psicogênese da escrita, estabelece que existem níveis estruturais da linguagem escrita que explicam as diferenças individuais e dos diferentes ritmos dos alunos. São eles: nível pré-silábico, nível silábico, nível alfabético, não sendo objeto de estudo em questão, serão apresentados sinteticamente.

No nível pré-silábico, não se busca correspondência com o som, às hipóteses das crianças são estabelecidas em torno do tipo e da quantidade de grafismo, podendo conter quantidade mínima e máxima para escrever uma palavra (pode colocar as letras JUNHFKGIH e ler “bola”). A criança que se encontra no nível silábico, podendo esse se subdividir em silábico com ou sem valor sonoro e silábico alfabético, associa ou não sua escrita ao som emitido pelas letras, utilizando uma para cada som. Usando os símbolos gráficos de forma aleatória, ora com vogais, ora com consoantes (pode escrever D F, lendo a letra D, como BO e F como LA, no caso de não possuir valor sonoro, ou colocar B para BO e L para LA) . Já que está silábica alfabética usa os sons a favor das formas silábicas, utilizando-os de forma ortográfica ou fonética sua escrita já está quase próxima à norma convencional, embora haja omissões de algumas letras, é possível entender o que está escrito (pode ler bola assim: BOA). A criança alfabética já adquiriu a norma convencional da escrita e preocupa-se com ortografia.

“Analisar que representações sobre a escrita que o estudante tem é importante para o professor saber como agir”, é o que afirma Telma Weisz (2006, p.54), consultora do Ministério da Educação e autora de tese de doutorado orientada por Emilia Ferreiro e afirma que apesar de ter proporcionado aos educadores uma nova maneira de análise da língua escrita, o trabalho não dá indicação de como produzir o ensino, “não existe um método Emilia Ferreiro”

Segundo Magda Soares (2003, p.11) a perspectiva construtivista trouxe importantes e diferentes contribuições para alfabetização:

Alterou-se profundamente a concepção do processo de construção da representação da língua escrita, pela criança, que deixa de ser considerada como dependente de estímulos externos para aprender o sistema de escrita, concepção presente nos métodos de alfabetização até então em uso, hoje designados tradicionais, e passa a sujeito ativo.

Porém é importante lembrar que o construtivismo não é um método de ensino, e sim um processo, que acredita na criança aprendendo a ler e escrevendo lendo e escrevendo, mesmo sem saber fazer isso. Nas escolas verdadeiramente construtivistas, os alunos se alfabetizam participando de práticas sociais de leitura e de escrita. A referência de texto para eles não é mais uma cartilha, com frases sem sentido. De acordo com a entrevista de Emília Ferreiro à Revista Nova Escola a autora diz:

[...] A minha contribuição foi encontrar uma explicação segundo a qual, por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa (NOVA ESCOLA, 2001, p. 23)

Evidenciada a idéia que o texto precisa ser visto e entendido como um trecho falado ou escrito que constitua significado unificado e coerente numa determinada situação discursiva, ler portanto, é construir sentido com o que está escrito, ou seja, não basta estar alfabético e não compreender o contexto.

De origem inglesa o letramento é um conceito recente que abrange um conjunto amplo de conhecimento, a fim de participar de um mundo cada vez mais escrito, incluindo alfabetização, porém num panorama mais amplo, repensando na especificidade da alfabetização.

Muitos autores falam do letramento, alguns defendem um único e indissociável processo de aprendizagem, incluindo a compreensão do sistema e sua possibilidade de uso. Para Kleimam (1995, p.19), letramento é a pratica social relacionada com a escrita. Ou

[...] um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos. As práticas

específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não alfabetizado, passam a ser em função dessa definição, apenas um tipo de prática – de fato, dominante – que desenvolve alguns tipos de habilidades mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita.

Soares, 2003 define como um estado ou condição que adquire um indivíduo ou grupo social, como consequência de ter se apropriado da escrita e suas práticas sociais. Acredita no uso dos dois termos aliados beneficiando o indivíduo não somente dominar o código, mas usá-lo em um determinado contexto social:

Alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja: o domínio da tecnologia – do conjunto de técnicas para exercer a arte e ciência da escrita. Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se Letramento que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos. (SOARES *apud* RIBEIRO, 2003, p.91)

Ambas têm pontos comuns, pois se referem a práticas sociais, não garantindo o domínio do código ao uso social, porém sugerem mudanças na forma de inserção social do indivíduo letrado. Algumas idéias errôneas foram sendo construídas, a fim de substituir um termo pelo outro. Questionada formalmente sobre a novidade conceitual da palavra letramento, Emília Ferreiro (2003, p.30) explicita assim a sua rejeição ao uso do termo:

Há algum tempo descobriram no Brasil que se poderia usar a expressão letramento. E o que aconteceu com a alfabetização? Virou sinônimo de decodificação. Letramento passou a ser o estar em contato com distintos tipos de textos, o compreender o que se lê. Isso é um retrocesso. Eu me nego a aceitar um período de decodificação prévio àquele em que se passa a perceber a função social do texto. Acreditar nisso é dar razão à velha consciência fonológica.

Emília Ferreiro, 2003 aceita letramento no lugar de alfabetização, porém não na coexistência dos dois termos, pois acredita que em sua origem ela significa alfabetização e muito mais, não concorda com a idéia de ler antes de escrever.

Porque alfabetização e letramento são conceitos frequentemente confundidos ou sobrepostos, é importante distinguí-los, ao mesmo tempo em que é importante também aproxima-los: a distinção é necessária porque

a introdução, no campo da educação, do conceito de letramento tem ameaçado perigosamente a especificidade do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é necessária porque não só o processo de alfabetização, embora distinto e específico, altera e reconfigura-se no quadro de conceito de letramento, como também este é dependente daquele. (2003, p.90)

Concordo com a preocupação de Ferreiro, 2003 pois defende práticas pedagógicas contextualizadas e significativas para o sujeito, mas também acredito que se deva dar oportunidades a esses sujeitos. Aprendi a ler antes de escrever, sem interferir no processo de escrita. A escola tradicional sempre buscou um ensino fundado na progressão ordenada, ou seja, dominar um conhecimento de cada vez, então primeiro se aprende a falar a língua dominante, assimilar as normas do sistema, através da silabação para depois fazer uso desse sistema, mas cada pessoa tem um ritmo, e suas peculiaridades devem ser levadas em conta, bem como o meio em que vive.

As cartilhas traziam textos distantes da realidade das crianças, lembro-me da página da cartilha que apresentava a letra B, e a palavra balaio. Eu não sabia o que era balaio, acho que seria importante outro texto de apoio, informando por exemplo à utilidade do balaio, complementando nosso entendimento. Não sou totalmente contra a alfabetização através da silabação, hoje temos crianças que ainda necessitam desse recurso, mas não só dele e sim a partir dele, dentro de um texto de uso real.

Hoje se acredita que a criança deva construir seu conhecimento. Alfabetizamos com textos dentro de contextos que não são vistos só dentro da escola, os textos que as crianças conhecem de cor, como as parlendas, cantigas são um excelente instrumento para iniciar o processo de alfabetização, mas não acredito que se deva usar uma única metodologia, o professor tem que atender a necessidade do seu aluno, dando ao seu aluno subsídios para a construção desse conhecimento, dentro das possibilidades e dos limites do mesmo. Se ele entende dentro da palavra macaco, que o M e o A juntas formam MA, também pode reconhecer, por exemplo, à palavra macarrão, em um portador de texto no formato de lista de compras. No meu ponto de vista foi trabalhado silabação, mas não de forma metódica e ordenada.

Quando o professor pede que seu aluno escreva espontaneamente precisa ter clareza sobre as hipóteses que essa criança poderá apresentar, pois sem esse requisito não terá como intervir e planejar caminhando o pensamento do aluno a uma reflexão sobre o sistema de escrita.

Alfabetizar letrando, nada mais é que se apropriar do texto real como eixo de trabalho adquirindo uma relação dialógica, mantendo uma condição afetiva favorável. É difícil considerar um indivíduo absolutamente iletrado, pois vivemos em uma sociedade grafocêntrica, que faz uso da leitura e escrita, porém isso não significa ter contato com a escrita. É importante ressaltar também que não é por que um aluno tem de passar pela escrita silábica para chegar a uma alfabética, que eu tenha que oferecer silabação.

As crianças estão em contato com a leitura e escrita através dos adultos e dos ambientes alfabetizadores que as rodeiam, mas há também o adulto sem o domínio do código que pode ser considerado letrado se faz uso social da leitura e escrita. Assim podemos dizer que existem diferentes tipos de letramento que variam de acordo com as oportunidades de contato com a leitura e escrita.

Tenho consciência de que como professora devo ter uma postura crítica, segura com o tipo de indivíduo que pretendo formar, levando-o a pensar, refletir criticamente, levantar situações desafiadoras, pressupondo que o erro seja um elemento que mostre como ele está lidando com seus conhecimentos.

Vivemos em uma sociedade, em que não basta saber ler e escrever, é preciso ir além da decodificação, apropriando-se das funções ler e escrever no uso cotidiano. Embora o conceito letramento ainda não esteja nos dicionários, estando restrito a cursos superiores e pesquisadores da área da educação, é necessária sua influência no campo da alfabetização.

Segundo Soares em entrevista ao Jornal do Brasil (2000, p.14)

A cada momento, multiplicam-se as demandas por práticas de leitura e escrita, não só na chamada cultura do papel, mas também na nova cultura da tela, com os meios eletrônicos [...] se uma criança sabe ler, mas não é capaz de escrever uma carta, é alfabetizada, mas não é letrada [...] a diferença é que crianças das camadas favorecidas tem um convívio inegavelmente mais freqüente e mais intenso com material escrito e com práticas de leitura e de escrita

Todas as pessoas vivem em um ambiente letrado, então é preciso oportunizar a todos o acesso ao letramento, uma vez que cada vez mais aumentam o número de analfabetos funcionais no país, tornando o conceito alfabetização insatisfatório. Ser alfabetizado é insuficiente para vivenciar plenamente a cultura escrita e responder as demandas atuais, pois a alfabetização é um componente do letramento, não são conceitos diferentes, devem caminhar juntos, alfabetizar orientando a criança para o domínio da tecnologia da escrita, ela lê e escreve. Letrar leva ao exercício das práticas sociais de leitura e escrita, cria habilidades e

hábitos, entre eles o prazer da leitura e escrita de diferentes gêneros. Contudo se a criança não sabe ler, mas pede para ouvir histórias, ou finge que está lendo um livro, se não sabe escrever, mas faz rabiscos afirmando estar escrevendo uma carta, é letrada embora analfabeta, pois conhece o uso social da leitura e escrita.

Associo essa idéia com toda minha vivência, pois eu brincava de ser professora, no meu faz de conta, lia para minhas bonecas e para minha avó, escrevia bilhetinhos nos cadernos das bonecas que não faziam lição de casa, ouvia histórias de tradição oral, sem contar num fato especial sobre meu avô, hoje falecido. Ele tinha loucura por passarinhos e escrevia nome de todos com giz no chão de cimento, eu fingia que lia os nomes e de certa forma o fazia.

Quanto mais estudo sobre letramento, mais entendo seu significado e importância em minha vida, fora da escola, minha cartilha era substituída por livros, revistas, jornais e outros materiais que circulam na sociedade.

O processo de letramento começa antes do processo de alfabetização, porém se estende por toda a vida, que em todas as áreas de conhecimento as pessoas aprendem através de práticas de leitura e escrita, não sendo só do professor de português a tarefa de letrar, mas nela se torna o próprio objeto de estudo, trabalhar na escola com textos de diferentes gêneros e diferentes portadores, trouxe um equívoco, já que há gêneros que as pessoas não só lêem, mas nunca ou raramente escrevem, como rótulos de embalagens, bula de remédios, portanto é necessário selecionar esses gêneros. Uma bula de remédio precisa ser lida, pois contém cuidados a serem tomados, se um indivíduo tiver consciência disso, não precisará trabalhar a produção desse texto. O professor deve ser um bom leitor, conhecedor das práticas de leitura e escrita da sua área, para poder selecionar o que de fato será significativo para seu aluno, valorizando o material escrito que as crianças das camadas populares convivem, e também as práticas da cultura dominante. Não basta conhecer o funcionamento do nosso sistema de escrita, é preciso associá-lo ao uso cotidiano.

Talvez a diretriz pedagógica mais importante no trabalho (dos professores), tanto na pré-escola quanto no ensino médio, seja a utilização da escrita verdadeira nas diversas atividades pedagógicas, isto é, a utilização da escrita, em sala, correspondendo às formas pelas quais ela é utilizada verdadeiramente nas práticas sociais. Nesta perspectiva, assume-se que o ponto de partida e de chegada do processo de alfabetização escolar é o texto: trecho falado ou escrito, caracterizado pela unidade de sentido que se estabelece numa determinada situação discursiva. (LEITE, 2001, p.95)

Estudos sobre letramento apontam para um número elevado de brasileiros formalmente alfabetizados, mas incapazes de ler textos longos, localizar ou relacionar suas informações. De acordo com o Instituto Nacional de Estatística e Pesquisa em Educação (INEP), os índices alcançados pela maioria de alunos de 4ª série do Ensino Fundamental, não ultrapassam os níveis crítico e muito crítico, apontando para um índice sempre inaceitável de analfabetismo agravado pelo quadro nacional de baixo letramento.

Estudos mostram que a escola está dando um enfoque diferente, nas diversas camadas sociais, não trabalhando de acordo com a realidade do aluno, por conta da programação escolar do sistema, essa prática não valoriza as diferentes formas de escrita, estendendo-se para todas as disciplinas e não somente para área de português.

As crianças chegam a escola dominando a linguagem oral peculiar do meio em que vivem, e muitas vezes são obrigados a renegar suas origens por conta de conteúdos programados do ensino regular. Deixa-se de lado todas suas vivências, ao contrário de utilizá-las para enriquecer os conhecimentos. Lembro-me dos meus estágios observar uma professora dizer a um aluno, que acabara de chegar de outro estado, e queria contar sobre uma palavra que na sua cidade era pronunciada de outra forma, que ficasse calado, pois aquilo não era importante e não tinha nada a ver com o que iriam estudar agora.

Citarei a seguir um episódio, infelizmente típico nos dias de hoje.

<sup>3</sup>A escola que aprendeu a ensinar  
Homenagem à descoberta do saber do estudante

Era uma vez...

...um menino, igual a tantos outros. Desde muito cedo aprendeu a se virar e a ajudar nas despesas da família. No cotidiano de sua infância aprendeu a se vender e ia ao armazém comprar coisas para casa. Um dia foi encarregado de buscar uns cocos verdes para servir as visitas que iriam receber.

Chegando á barraca de venda de coco verde, na beira da praia, viu um senhor que o olhou interessado. Quis iniciar uma conversa, mas se conteve diante do doutor desconhecido. Naquela época não se sabia o preço das coisas porque se vivia em tempos de dinheiro em rápida desvalorização. Falou para o vendedor de coco:

“O moço, quanto é o coco?” O vendedor respondeu:

“Vinte e cinco cruzeiros”.

“Então me dá cinco”, falou o menino e estendeu uma nota de duzentos cruzeiros para o vendedor. O senhor, que era professor, acompanhava

---

<sup>3</sup> Retirado do caderno: Conselho Escolar e o respeito e a valorização do saber e da cultura do estudante e da comunidade, 2004 MEC - Conselho Escolar e o Respeito e a Valorização do Saber e da Cultura do Estudante e da Comunidade. Brasília.

interessado as atitudes do menino na compra do coco. Olhou surpreso, quando viu que ele conseguia segurar cinco cocos em uma de suas mãos. Passado um tempo, o menino chamou o vendedor e lhe perguntou:

“O moço, cadê meu troco?” O rapaz respondeu:

“Que troco?” Ao que o menino prontamente respondeu:

“Os meus sessenta e cinco”. O professor surpreso conclui que o menino era bom de matemática, porque multiplicara cinco vezes vinte e cinco e subtraía o produto da multiplicação dos Cr\$ 200,00 e encontrara o troco devido de Cr\$ 75,00. Quando o menino recebeu o troco, o professor não conteve seu desejo de falar com ele perguntou:

“Como você se chama?” O menino disse:

“Severino, e o Senhor” Após a trocar de nomes começaram a conversar. O menino tinha 10 anos e não apenas 6 ou 7, como a sua estatura parecia revelar. Quando foi perguntar se ia para a escola, ele respondeu que sim. Perguntando sobre a série em que estudava, ele respondeu que estudava na primeira série. Surpreso o professor perguntou:

“Por que tu só foste para a escola neste ano?”

“Não, doutor, já faz quatro anos que estou estudando na escola.”

“Mas, então, como que tu estas no primeiro ano?”

“Sabe como é, doutor, todo fim de ano a professora me `roda’!”

Após essa conversa, o professor, preocupado e curioso com a reprovação do menino, bom de matemática que só, foi para escola. Chegou na hora do intervalo. Na roda dos professores perguntou sobre o menino de nome Severino que tinha 10 anos e fora reprovado três vezes na primeira série. Após lembrarem do menino, informaram que entre as razões de sua reprovação estava o fato de que ele não aprendia a somar e diminuir. Perplexo diante dessa informação, o professor contou a história da compra do coco. A conversa se estendeu. O intervalo foi ampliado, substituindo os professores que acompanhavam as crianças no recreio. Estavam todos procurando compreender por que o Severino não conseguia revelar para a professora seu conhecimento de matemática.

Chegou a conclusão que os professores não estavam oportunizando o encontro da matemática do Severino com a matemática do livro didático. E sem o encontro do saber do Severino com o saber da escola, o estudante não avançava seu conhecimento. O Severino simplesmente não atinava que aquelas contas que a professora fazia, pondo no quadro carreirinhas de números, era o que ele estava “careca de saber” e “fazer de cabeça”. Como ele não confrontava seu saber matemático com o saber “abstrato”, sistematizado ou científico, o Severino não ampliava seu conhecimento de matemática e a escola não dava sua contribuição no desempenho das estruturas lógicas e mentais necessárias para produzir conhecimento novo. Ele estava sendo condenado a uma lógica da matemática e a capacidades que desenvolvam nas relações sociais cotidianas, sem a contribuição especializada na escola.

Na reunião, os professores descobriram que, na relação didático-pedagógica vivenciada naquela escola, não reconheciam e muito menos respeitavam e valorizavam o conhecimento do Severino, e começaram a buscar métodos e procedimentos que levassem em consideração o saber do estudante.

Nas salas de aula dessa escola melhorou muito o processo de trabalho. Os professores passaram a valorizar e a integrar muito mais o saber e a cultura da comunidade didático-pedagógico. Aumentou a festa e a celebração da aprendizagem; cresceu a alegria dos professores na mediação pedagógica e, sobretudo, abriu-se espaço para a esperança e o futuro dos estudantes como sujeitos de sua história.

Em consequência desse esforço coletivo da escola, o Severino nunca mais foi reprovado. Pelo contrário, hoje é professor e um dos educadores que buscam fazer do ato pedagógico o sagrado momento do encontro do saber e da cultura dos estudantes e da comunidade com o saber da humanidade.

Fica nítido portanto, que a escola como instituição deve introduzir os grupos não letrados, criando condições para que seus alunos aprendam, uma vez que o mesmo é da escola como um todo, e não somente do professor. Tal procedimento não pode de forma alguma desvalorizar as práticas que os alunos trazem, criando formas que propiciem acomodar novos conceitos, e entendendo que o valor principal da escrita é a comunicação.

Vale salientar sobre esse aspecto a interação dos grupos de diferentes níveis, principalmente os mais próximos, permitindo comunicação, e a possibilidade de trabalhar com heterogeneidade.

As interações, os agrupamentos, devem ser pensados tanto no ponto de vista do que se pode aprender durante as atividades como das questões que cada aluno pode levar para pensar, e na troca de saberes diferentes que trazem consigo.

Há uns três anos, trabalho com meus alunos uma atividade denominada caderno de registros, que consiste numa produção diária de um texto reflexivo de como foi à aula, com pontos positivos e negativos. Meu objetivo inicial era incentivar a produção de texto de autoria, já que as avaliações diagnósticas, para o ciclo I, e início do Ciclo II, são reescritas, mesmo trabalhando com produção de texto em outros momentos como atividade permanente, posso observar nesse caderno o avanço, as dificuldades e, principalmente, o ponto de vista de cada aluno sobre aquisição de seu conhecimento pessoal, tomando como ponto de partida questões a serem retomadas sobre minha prática, recuperar o que foi aprendido e projetar novas atividades, compreendendo as questões que se colocam para os alunos, inclusive com relação à própria escrita.

Este ano leciono para uma 4ª série, em um bairro periférico, lendo os registros de meus alunos me sinto dentro da realidade de cada criança, alguns fazem seu registro não somente da aula, mas de todo o seu dia, tenho em mãos um diário onde posso conhecer melhor cada um. Conversamos bastante, mas sinto que quando escrevem colocam no papel sentimentos, angústias, medos, desejos que não sentem segurança ainda para falar, percebo crianças inteligentes que sabem lidar com situações cotidianas complexas, mas não conseguem transpor esse potencial para superar a condição de analfabetismo e baixo letramento.

Escrevo porque à medida que escrevo vou me entendendo e entendendo o que quero dizer, entendo o que posso fazer, escrevo porque sinto necessidade de aprofundar as coisas, de vê-las como realmente são. (CLARICE LISPECTOR, 1969, p. 25).

Utilizo questões reais deles para preparar minhas aulas, e procuro sempre ir além da sala de aula, percebo que aos poucos estão ficando mais seguros, aprendendo em um mundo que é seu, sem perder suas raízes, conquistando novas identidades bem sucedidas:

[...] a aprendizagem da língua escrita envolve um processo de aculturação – através, e na direção das práticas discursivas de grupos letrados – não sendo, portanto, apenas um processo marcado pelo conflito, como todo processo de aprendizagem, mas também um processo de perda e de luta social. Há uma dimensão de poder envolvida no processo de aculturação efetivado na escola: aprender – ou não – a ler e escrever não equivale a aprender uma técnica ou um conjunto de conhecimentos. O que está envolvido para o aluno adulto é a aceitação ou o desafio e a rejeição dos pressupostos, concepções e práticas de um grupo dominante – a saber, as práticas de letramento desses grupos entre as quais se incluem a leitura e a produção de textos em diversas instituições, bem como as formas legitimadas de se falar desses textos - , e o conseqüente abandono (e rejeição) das práticas culturais primárias de seu subalterno que, até esse momento, eram as que lhe permitiam compreender o mundo. (KLEIMAN, 2001, p.271)

Ainda temos em nossa sociedade a resistência pela aquisição de um mundo letrado, dificultado o caminho a ser percorrido pelo indivíduo. Todo material tem o valor que lhe é conferido pelo seu uso. Um texto pode ser apenas uma porção de letras impressas, até o leitor torná-lo seu, apropriando do seu uso no seu cotidiano.

Um senhor toma o ônibus depois de comprar o jornal e o põe embaixo do braço. Meia hora mais tarde, desce com o mesmo jornal sobre o mesmo braço. Mas já não é o mesmo jornal, agora é um monte de folhas impressas que o senhor abandona no meio da praça. Apenas fica só no banco, o monte de folhas se torna outra vez um jornal, até que um rapaz o vê, o lê, e o deixa convertido em um monte de folhas impressas. Apenas fica só no banco, o monte de folhas se torna outra vez um jornal, até que uma velha o encontra, o lê e o deixa convertido em um monte de folhas impressas. Depois o leva para sua casa e no caminho o usa para enrolar meio quilo de acelgas, que é para o que servem os jornais depois destas excitantes metamorfoses. (CORTAZAR, 1998, p.47)

O professor carrega consigo o desafio de compartilhar leituras e torná-las acessíveis ao aluno, fazendo-o entender e construir seu ponto de vista, aproximando o dito ao

compreendido. Desenvolvendo um trabalho de alfabetização adequado às necessidades de aprendizagem dos alunos, afirmando que todos são capazes de aprender sendo um modelo de referência.

Ao planejar minhas atividades, apoiada em toda teoria adquirida na faculdade, procuro criar situações desafiadoras considerando o nível de conhecimento real dos alunos, procuro agrupá-los de forma que as discussões sejam produtivas, utilizando instrumentos funcionais observando o desempenho e a interação dos alunos.

Em relação ao trabalho com diferentes portadores de texto, se faz necessária uma atenção do professor e se o texto for destinado à leitura dos próprios alunos há que considerar a adequação do mesmo, para que a atividade não se torne a princípio cansativa e desestimuladora.

Ao analisarmos a prática pedagógica dos professores, percebe-se que por trás de suas ações, há sempre uma ideologia que o acompanha, mesmo inconscientes essas idéias precisam inovar sua prática adotando um modelo de ensino que pressupõe a construção do conhecimento, compreendendo as ações que lhe dão sustentação. Não acredito na possibilidade de mesclar modelos, o mais importante é trabalhar de forma que se sinta seguro e consciente dos objetivos a serem alcançados. Trabalhar com um modelo desconhecido pode dificultar sua prática, então é necessário dispor de estratégias que ajudem a compreender o que o aluno já sabe. Essa idéia do conhecimento prévio aparece constantemente e parece óbvia, mas dependendo da concepção de aprendizagem que orienta a ação do professor, não é tão obvio assim.

Segundo Paulo Freire 1996, o professor não é mais que o aluno pelas coisas que já sabe, pelo contrário, ensinando o professor também pode aprender como já relatado por mim. Durante minha prática, essa afirmação de Freire fez com que muitos acreditassem na ênfase da realidade imediata do aluno e diferente disso, sua proposta sempre pregou o desvelamento do desconhecido a partir do conhecido.

A educação sempre foi o espaço de intersecção da família e escola e se estiverem afinadas, o ganho do educando será produtivo o qual precisa de modelos para sustentar seu ensino.

A teoria em si [...] não transforma o mundo. Pode contribuir para sua transformação, mas para isso tem que sair de si mesma, em primeiro lugar, tem que ser assimilada pelos que vão ocasionar com seus atos reais, efetivos. Uma teoria é prática na medida que materializa, através de uma série de mediações o que só existia idealmente como conhecimento da

realidade ou antecipação ideal de sua transformação. (VASQUEZ, *apud* FARIA, 2005, p.11)

Não basta portanto cuidar apenas do planejamento das aulas, o contexto pode ensinar além do planejado intencionalmente. Hoje sou consciente das mudanças ocorridas na área da educação quanto à aplicação de novas teorias, “o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática, e, quanto mais inquieta for uma pedagogia, mais a crítica se tornará”, (Paulo Freire, 1990, p. 42)

Intervir na realidade, gera novos conhecimentos, não simplesmente se enquadrando na mesma, o letramento é um fenômeno social, surgido pelas suas demandas e o preparo dos professores proporciona alterações, pois sabemos que é um processo lento devido a um sistema. O jeito de as pessoas se relacionarem, as atitudes das crianças com os adultos, a relação estabelecida entre escola e comunidade representam situações de ensino.

O professor deve sair da sua condição de “apresentador de aulas”, conquistando um nível de profissionalismo condizente com as demandas que hoje estão atuando, colocando-se no lugar do outro analisando suas perspectivas.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero fundamentais os estudos sobre letramento aproximando o campo da educação teoria e prática. Acredito que esse tema não seja aqui encerrado, acredito numa educação transformadora, no aspecto educativo. Aqui ficou claro que é possível pessoas letradas e não alfabetizadas, que compreendem o papel social da escrita, serem capazes de distinguir gêneros e reconhecer a diferença de textos escritos e da oralidade.

No atual cenário político tecnológico que nossa sociedade se encontra, o letramento é fundamental somado à alfabetização, que ainda necessita de uma reconstrução. Aprendemos construindo, e para construir temos que pensar. O professor deve estar em constante processo de formação, aproximando o campo da educação a teoria e a prática.

Hoje posso contribuir de uma forma mais eficaz no processo de ensino aprendizagem, pois acredito ser fundamental para o professor saber como seu aluno pensa e desenvolve seu conhecimento, sendo mediador desse processo. Minha visão é muito diferente daquela do início do curso, pois antes eu pensava em preparar uma aula uniforme, seguindo rigorosamente a ordem e seqüência como se cada aluno fosse um arquivo, que eu só guardasse informações e que um dia usariam para um determinado fim. Hoje meu olhar é o oposto, é a partir da realidade deles que busco junto aos mesmos suas necessidades levantando problemáticas do cotidiano. Permito que construam seu conhecimento com situações concretas, que possibilitem essa construção. Considero que não são os recursos materiais disponíveis que vão nortear meu trabalho, embora sejam importantes, mas posso dar uma boa aula, não só dentro de uma sala, consigo dar uma excelente aula de ciências por exemplo, simplesmente fazendo um passeio de observação ao redor da escola, pois os meios constituem os fins.

É possível transformar o cenário da educação brasileira, através de práticas simples, atreladas em um sistema mais flexível, consciente das especificidades regionais. Não adianta criar um currículo amplo, bonito, que contenha idéias brilhantes e revolucionárias, mas que fiquem no papel. Precisamos de pesquisas de campo, pesquisadores inseridos no projeto político-pedagógico, pois prática sempre foi diferente de teoria. O essencial para mim foi aprender podendo remeter-me a minha realidade, experimentando, criando e recriando possibilidades significativas. Emociono-me com a força que sei que carrego comigo hoje, saio daqui, triste em deixar esse mundo maravilhoso do saber pedagógico que é a Unicamp, porém pretendendo voltar, em breve.

Sou uma sementinha que vai florescer e reproduzir....

<sup>4</sup>Um homem morava numa cidade grande e trabalhava numa fábrica.

Todos os dias ele viajava cinquenta minutos, de ônibus, para ir ao trabalho.

No ponto seguinte ao dele, entrava uma senhora que procurava sempre sentar na janela. Ela abria a bolsa, tirava um pacotinho e passava a viagem toda jogando alguma coisa para fora do ônibus. A cena sempre se repetia e um dia, curioso, o homem lhe perguntou o que jogava pela janela.

- Jogo sementes, respondeu ela.

- Sementes? Sementes de que?

- De flor. É que eu olho para fora e a estrada é tão vazia... Gostaria de poder viajar vendo flores coloridas por todo o caminho. Imagine como seria bom!

- Mas as sementes caem no asfalto, são esmagadas pelos pneus dos carros, devoradas pelos passarinhos...

A senhora acha mesmo que estas flores vão nascer aí, na beira da estrada?

- Acho, meu filho. Mesmo que muitas se percam, algumas acabam caindo na terra e com o tempo vão brotar.

- Mesmo assim...demoram para crescer, precisam de água...

- Ah, eu faço minha parte. Sempre há dias de chuva. E se eu não jogar as sementes, aí mesmo é que as flores nunca vão nascer.

Dizendo isso, a velhinha virou-se para a janela aberta e recomeçou seu "trabalho".

O homem desceu logo adiante, achando que a senhora já estava meio "caduca".

O tempo passou.

Um dia, no mesmo ônibus, sentado à janela, o homem levou um susto ao olhar para fora e ver flores na beira da estrada... Muitas flores...

A paisagem estava colorida, perfumada, linda!

O homem lembrou-se da velhinha, procurou-a no ônibus e acabou perguntando para o cobrador, que conhecia todo mundo.

- A velhinha das sementes? Pois é... Morreu de pneumonia no mês passado.

O homem voltou para o seu lugar e continuou olhando a paisagem florida pela janela.

"Quem diria, as flores brotaram mesmo", pensou. "Mas de que adiantou o trabalho da velhinha? A coitada morreu e não pode ver esta beleza toda".

Nesse instante, o homem escutou uma risada de criança. No banco da frente, uma garotinha apontava pela janela, entusiasmada:

---

<sup>4</sup> Retirado do site [www.magiasonhosepoemas.com](http://www.magiasonhosepoemas.com). Acesso em junho/2008

- Olha, que lindo! Quanta flor pela estrada... Como se chamam aquelas flores?

Então, o homem entendeu o que a velhinha tinha feito.

Mesmo não estando ali para contemplar as flores que tinha plantado, a velhinha devia estar feliz.

Afinal, ela tinha dado um presente maravilhoso para as pessoas.

No dia seguinte, o homem entrou no ônibus, sentou-se numa janela e tirou um pacotinho de sementes do bolso...

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Cíntia Wolf do. **A proposta Crítica no Processo de Alfabetização escolar.** Projeto de Pesquisa, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1997.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas 1 – Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo , Brasiliense, 1994.

BRASIL, Secretaria de Ensino Fundamental. MEC – **Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa.** Brasília, 1997.

\_\_\_\_\_, Ministério da educação. **Secretaria de Educação Básica. MEC - Conselho Escolar e o Respeito e a Valorização do Saber e da Cultura do Estudante e da Comunidade.** Brasília, 2004.

CORTAZAR, Julio. **Histórias de Cronópios e de Famas.** Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1998.

FARIA, Ana Lucia Goulart de e MELLO, Suely Amaral (orgs.). **Linguagens Infantis: Outras Formas de Leitura.** – Campinas, Autores Associados, 2005. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo)

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre Alfabetização.** Cortez, 1993 (Coleção Questões da Nossa Época, v.14)

\_\_\_\_\_, Emilia. **Alfabetização e Cultura Escrita.** Entrevista concedida à Denise Pellegrini In Nova Escola – A revista do professor. São Paulo, janeiro, fevereiro/2001, p. 27-30.

\_\_\_\_\_, Emilia. **Cultura Escrita e Educação.** Porto Alegre, Artes Médicas, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo, Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_, e MACEDO D. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra.** Paz e Terra, 1990.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Cartas a Cristina.** São Paulo, Paz e Terra, 1994.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a pratica educativa.** São Paulo, Paz e Terra, 1996.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor.** Campinas, Pontes/Unicamp, 1989

\_\_\_\_\_, Ângela. **Os Significados do Letramento: Uma nova Perspectiva Sobre a Prática Social da Escrita.** Campinas, Mercado das Letras, 1995.

LEITE, Sergio Antonio da Silva (org). **Alfabetização e Letramento. Contribuições para as Práticas Pedagógicas.** Campinas, Komedi, Arte Escrita, 2001.

LISPECTOR. Clarice. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres.** São Paulo, Rocco, 1969.

SOARES, Magda Becker. **Língua Escrita, Sociedade e Cultura: Relações, Dimensões e Perspectivas.** Revista Brasileira de Educação, nº 0, 1995.

\_\_\_\_\_, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte, Autentica, 1998.

\_\_\_\_\_, Magda Becker e MACIEL, Francisca. **Alfabetização.** Brasília: MEC/Inep/Comped, 2000. (Série Estado do Conhecimento)

\_\_\_\_\_, Magda Becker. **Jornal do Brasil**, edição 4589, caderno B. São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_, Magda Becker. **26ª Reunião Anual da ANPED GT Alfabetização, Leitura e Escrita.** Poços de Caldas, 7 de outubro de 2003

SOLIGO, Rosaura. **In Cadernos da Tv Escola – Português**, MEC/SEED, 2000.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização.** São Paulo, Cortez, 1995.

WEISZ, Telma. **Programa de Formação de Professores Alfabetizadores. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas.** São Paulo, 2006.

CENPEC – **Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária.** Disponível em: [www.cenpec.org.br](http://www.cenpec.org.br). Acesso em abril/2008.

Apresentações de powerpoint. **Magia, Sonhos e Poemas.** Disponível em: [www.magiasonhoepoemas.com](http://www.magiasonhoepoemas.com). Acesso em junho/2008.